

DISCURSO POLÍTICO EM A NOVA ORDEM, DE B. KUCINSKI

Patrícia Martins Alves do Prado¹

Fernanda Nunes de Araújo²

Karla Nunes de Souza³

Resumo: Neste artigo examinaremos alguns elementos da narrativa ficcional *A Nova Ordem*, de B. Kucinski, a fim de analisar estratégias e recursos literários utilizados pelo autor para tecer o enredo do romance e criar suas personagens. *A Nova Ordem* é uma obra de ficção literária, que foi escrita em 2019 e que mescla ficção e realidade ao retratar fatos que retomam um país gerido por militares, cuja intenção maior é manipular a sociedade, perseguindo os “utopistas” e exterminando as minorias, para assim, conquistarem a hegemonia e se manterem para sempre no poder. Kucinski, que vivenciou o período da ditadura militar no Brasil, compõe uma narrativa orquestrada, cuja forma irá corroborar para que o leitor, instigado pelo narrador, assuma o seu papel crítico diante do texto. Para embasar este estudo, nos apoiaremos nas teorias de Roland Barthes, Gérard Genette, Antônio Cândido e Eurídice Figueiredo.

Palavras chaves: Kucinski; Literatura Contemporânea; Ditadura Militar; Hibridismo.

POLITICAL SPEECH IN THE NEW ORDER, BY B. KUCINSKI

Abstract: In this article we will examine some elements of the fictional narrative *The New Order*, by B. Kucinski, in order to analyze strategies and literary resources used by the author to weave the novel's plot and create its characters. *The New Order* is a work of literary fiction, which was written in 2019 and which mixes fiction and reality by portraying facts that retake a country run by the military, whose main intention is to manipulate society, persecuting the “utopians” and exterminating minorities, to thus conquer hegemony and remain forever in power. Kucinski, who experienced the period of military dictatorship in Brazil, composes an orchestrated narrative, whose form will corroborate so that the reader, instigated by the narrator, assumes his critical role in the text. To support this study, we will rely on the theories of Roland Barthes, Gérard Genette, Antônio Cândido and Eurídice Figueiredo.

Keywords: Kucinski; Contemporary Literature; Military Dictatorship; Hybridity

1 Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: patriciaprado31@gmail.com

2 Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: fnunesaraujo91@gmail.com

3 Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: prof.karla.cnsa@gmail.com

Introdução

A Nova Ordem, de Bernardo Kucinski é uma narrativa envolvente e intrigante que descreve uma sociedade apática, condicionada a sobreviver e a sofrer num ambiente cheio de mentiras e manipulações ideológicas e logo nas primeiras linhas apresenta a história de um país caricaturizado por um grupo de militares que, em nome do Estado, censuram, torturam e assassinam civis que, por conta do conhecimento ou pela capacidade crítica, são considerados ameaça para o governo.

Publicado no ano de 2019, período em que assume a presidência da república, um ex-militar com ideologias e concepções análogas às dos “anos de chumbo”, o romance de Kucinski soa como um grito de alerta contra os governos autoritários e totalitaristas, pois, resquícios de governos ditatoriais ainda sondam o nosso presente e ameaçam o futuro da nação. Porém, o passado recente de repressão e tortura parece ter sido apagado da memória de grande parte do povo brasileiro que, sedentos por uma ascensão social e política acabam pondo em risco a democracia de um Estado de direito.

O jornalista e escritor Bernardo Kucinski possui uma biografia marcada pelo trauma de ter sua irmã sequestrada no período da ditadura militar e que, até os dias de hoje, é tida como desaparecida política. De militante estudantil a ativista político, o autor tornou-se jornalista, passando pelos veículos mais importantes do Brasil e do mundo, como os jornais ingleses *BBC* e *The Guardian*. Foi fundador de jornais alternativos de resistência ao regime militar, como o *Movimento* e ao retornar da Inglaterra, país onde buscou exílio, tornou-se professor no curso superior de jornalismo na escola de comunicação e arte da USP. De 2003 a 2006 fez parte do governo de Luiz Inácio Lula da Silva como assessor especial da Secretaria de Comunicação Social (SECOM). Kucinski, autor de várias obras de gênero acadêmicas, aos 74 anos

transmuta para o mundo literário, lançando mão de toda sua genialidade e se dedicando à escrita de obras literárias, estreando na ficção com o romance *K-Relato de uma busca*.

A nova ordem, de Bernardo Kucinski é uma ficção literária política, que narra as atrocidades cometidas por um Estado de repressão, que ceifa os direitos sociais dos cidadãos que, encurralados e sem voz, assistem a sua própria exterminação. O romance, conduzido por um narrador onisciente, atravessa o leitor, provocando-o a refletir acerca dos perigos que um governo autoritário pode causar ao país.

Logo, objetivamos neste artigo examinar quais foram as estratégias e os recursos utilizados pelo autor para compor sua narrativa ficcional *A Nova Ordem*. Para tanto, nossa pesquisa será de cunho bibliográfico, cuja abordagem é qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo. Para teorização da nossa pesquisa contaremos com os estudos de Roland Barthes, Gérard Genette, Antônio Cândido e Eurídice Figueiredo.

1 – A Nova Ordem, de Bernardo Kucinski: análise de um Brasil desvairado

O romance *A Nova Ordem*, já no início, descreve uma passagem violenta e bastante simbólica que ocorre quando professores universitários e cientistas, são convocados pela nova ordem e, em seguida, assassinados. Esta passagem demonstra o silenciamento e a aniquilação do pensamento crítico. Vejamos esse momento impactante no diálogo abaixo:

— O que vai acontecer conosco? Pergunta um catedrático ainda jovem, aproximando-se do coronel. — Quem é o senhor? Pergunta o coronel. — Sou o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina. — As universidades federais não existem mais, retruca o coronel. E lhe desfere uma coronhada na testa. Faz-se um silêncio pesado. Logo, os catedráticos começam a se mover devagar, sem entender

o porquê da coronhada no reitor que também caminha, sustentado por dois colegas, com sangue a escorrer pelos cabelos. Atingem a beira de um fosso longo e fundo. Numa das margens amontoa-se a terra retirada. Estacionada um pouco além, uma escavadeira de motor ligado e faróis acesos. O manobrista, sentado na cabine, fuma. Os soldados fazem com que os catedráticos se alinhem ao longo do fosso, do lado oposto ao dos montes de terra. Atrás dos montes, ocultos pela noite, postam-se vinte soldados em fila dupla, metade de pé e metade ajoelhados. A um comando do coronel, os soldados metralham. Segundos depois, os mesmos soldados empurram com os pés, para dentro do buraco, os corpos que ficaram fora. O coronel armado de sua pistola, pula para dentro do fosso, percorre os corpos, saltando de um a outro e atira na cabeça dos poucos que ainda se mexem. (KUCINSKI, 2019, p.18).

No decorrer da trama, o autor vai construir, através de recursos literários, uma narrativa ficcional envolvente que vai balançar as estruturas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade que não consegue livrar-se das memórias que revelam um período desolador e que insiste em continuar assombrando a história do nosso país.

Personagens como Angelino assistirão, aterrorizados, às imposições da nova ordem sem reagir a tais atrocidades que estão sendo instauradas e comprovadas por “éditos” que refletem os ideais políticos de um governo tirano que se encontra no poder. E, para não correrem o risco de serem surpreendidos pelos “utopistas”, esse grupo arbitrário cria um método que é a implantação de um chip nas pessoas a fim de coibi-las, controlando suas mentes.

Desta forma, Kucinski lança ao seu leitor uma profunda reflexão sobre a sociedade em que vive, “profetizando” o rumo caótico que o cerca e que parece estar distante de terminar.

1.1 - O Narrador de *A Nova Ordem*

Em *O Discurso da Narrativa*, Gérard Genette (1995) estabelece de forma conceitual os tipos de narradores, definindo-os de acordo com a

sua posição na *diegese* (história). Assim recebe diferentes denominações: *homodiegético* (personagem participante na história que narra); *heterodiegético* (não participante na história narrada); *autodiegético* (trata-se da narração do próprio protagonista da história). Para Genette:

[...] a escolha do romancista não é feita entre duas formas gramaticais, mas entre duas atitudes narrativas (de que as formas gramaticais são apenas uma consequência mecânica): fazer contar a história por uma das personagens, ou por um narrador estranho a essa história. A presença de verbos na primeira pessoa num texto narrativo pode, pois, reenviar para duas situações muito diferentes, que a gramática confunde mas a análise narrativa deve distinguir. (GENETTE, 1995, p. 243)

Nesse sentido, o narrador de *A Nova Ordem* assume o papel de narrador heterodiegético, ou seja, aquele que não participa da *diegese* (história). Observe:

Angelino joga o corpo sobre os varais para sobrepujar o desconcomunal peso dos livros. A caçamba se ergue e ele puxa o carrinho, resoluto, em direção ao depósito. Hoje, os livros foram tantos que lotaram a caçamba. Tem sido assim desde a implantação da Nova Ordem. Estão botando os livros todos fora. São mais e mais, a cada dia. Centenas. Milhares. Caixas e caixas repletas de livros. Romances, biografias, até livros de arte. O decreto deu pouco prazo para não ter mais livro em casa. (KUCINSKI, 2019, p. 23)

Contada em 3ª pessoa, a narrativa de *A Nova Ordem* possui um estilo cronológico e fragmentado. Esta fragmentação estrutural é uma subversão do modelo paradigmático linear, muito presente nos romances pós-modernos. Sobre o assunto, Moisés (2016, p. 36) comenta que “de modo geral, o romancista contemporâneo continua usando técnicas narrativas tradicionais, apenas sutilmente renovadas com respeito aos diálogos e discussões”.

Nesta perspectiva de renovação, o autor insere em seu romance, uma narrativa em dois planos: no primeiro, desenvolve o enredo, apresentando personagens, espaço-temático e os conflitos que compõem a trama; no segundo, fixa

intencionalmente, em notas de rodapé, para dar um caráter oficial à narrativa, os éditos que regem a dita “ordem”. Veja como eles são apresentados:

Trata-se do édito 4/2019 da Nova Ordem Social, que cria a Agência Nacional de Vigilância Social (ANVISO). Seu artigo 2 determina que zeladores e porteiros de edifícios, vigilantes de quarteirão, capatazes e chefes de turma devem reportar atitudes suspeitas e situações atípicas à ANVISO; o artigo 3 extingue o Ministério dos Direitos Humanos e a Secretaria Nacional da Cidadania e federaliza o combate ao crime organizado; o artigo 4 declara caducos o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Estatuto do Desarmamento; o artigo 5 introduziu no Código Penal a pena de deportação para moradores de rua reincidentes, o artigo 6 reduz a maioria penal para 16 anos; o artigo 7 cria o princípio da Exclusão de Ilícitude, popularizada como licença para matar, que impede o indiciamento de Policiais Militares por infrações no exercício de suas funções, mesmo em confrontos com morte; o artigo 8 cria o Termo Circunstanciado, que permite ao agente policial registrar um incidente resultante de abordagem, dispensando o B.O. Respalhada por esse édito, a Polícia Federal criou o corpo especial de Atiradores de Elite para abater criminosos. (KUCINSKI, 2019, p. 29)

O autor, inova quando apresenta essa narrativa em dois planos, sugerindo uma espécie de legitimidade, imposta pela nova ordem, com o intuito de controlar o comportamento e as atitudes dos cidadãos através do estabelecimento dos éditos.

Outra estratégia que nos chama a atenção, é o silenciamento proposital dos “utopistas” e das vítimas de violência que se contrapõe com a participação discursiva privilegiada dada aos representantes da nova ordem. É como se o autor intencionalmente, se utilizasse deste recurso literário para provocar uma reflexão acerca das vozes que, brutalmente, eram caladas no passado, nos períodos “de chumbo” pelo autoritarismo do Estado. Observe-se:

E lhe desferiu uma coronhada na testa. Faz-se um silêncio pesado. Logo, os catedráticos começam a se mover devagar, sem entender o porquê da coronhada no reitor que também caminha, sustentado por dois colegas, com sangue a escorrer pelos cabelos. Atigem a beira de um fosso longo e fundo. Numa das margens amontoa-se a terra retirada.

Estacionada um pouco além, uma escavadeira de motor ligado e faróis acesos. O manobrista, sentado na cabine, fuma. (KUCINSKI, 2019, p. 19)

Este estilo literário demonstra a genialidade do autor, que vai utilizar-se do jogo de linguagens, para compor a sua narrativa. Sobre os jogos de linguagem, Lyotard (1998, p. 18) esclarece que “existem muitos jogos de linguagem diferentes: trata-se da heterogeneidade dos elementos”. Neste sentido, Kucinski nos apresenta um narrador performático que, em vários momentos, assume, diante do discurso, uma interferência de voz que se confunde com a voz das personagens, causando um grande dinamismo no efeito estilístico. É possível notá-la na passagem abaixo:

Antes, o Zacarias pagava dois reais por livro de capa bonita e um real pelos demais. Só os comidos de traça e dilacerados iam para a reciclagem. Agora vai tudo para reciclagem, igual papelão e jornal velho, e o Zacarias passou a pagar por peso. Onde já se viu pagar um livro por peso! É o fim do mundo! Vem à sua mente o filme futurista que ele assistiu na faculdade em que os livros eram queimados. Filme profético. [...] Ópa! O que é isso? Angelino encosta a carreta. Um saco plástico estufado, repleto do quê? Enfia a mão. Cartões de banco. Pega um, pega mais um, pega um punhado, em todos, os nomes estão queimados ou raspados. (KUCINSKI, 2019, p.12).

Percebe-se que em determinado momento o narrador, indigna-se com a situação narrada e acaba assumindo o discurso da personagem. Essa intenção de Kucinski de envolver essa mescla de vozes entre narrador e personagem possibilita uma projeção de sentidos que vão ao encontro do leitor, dando a ele a oportunidade de participar do enredo e lhe dar significado de acordo com o seu entendimento e as suas expectativas, causando assim, uma espécie de proximidade com a trama, na medida que a narrativa se desenvolve. Sobre o assunto, Barthes vai dizer que:

Um texto é feito de escrituras múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em

contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor. (BARTHES, 1988, p. 70)

Assim como Barthes o define, o autor contemporâneo não é mais a única voz do texto e nem aquele que dá a palavra final. Pelo contrário, uma obra de ficção torna-se uma estância múltipla de sentido, cujo enredo criado pelo autor, terá uma infinidade de interpretações, de acordo com a experiência de cada leitor. Neste sentido, Kucinski assinala, de forma exímia, o romance *A Nova Ordem*, consagrando-se como um grande autor e representante da literatura contemporânea brasileira.

1. 2 - Uma análise das Personagens

No primeiro capítulo do romance *A Nova Ordem*, nos é revelada a verdadeira intenção das forças antidemocráticas: silenciar o pensamento crítico. Desta forma, o autor constrói sua narrativa como uma verdadeira representação do autoritarismo do Estado, bem como do seu controle sobre a população, criando personagens que retratam bem um período ficcional caótico, mas que muito se assemelha aos períodos de repressão vivenciados pela sociedade brasileira:

na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade a sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. [...] O escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CÂNDIDO, 2006, p. 68-69).

Nesta perspectiva, Kucinski vai atribuir papéis essenciais para as entidades literárias que irão compor o enredo de *A Nova Ordem*. Portanto, analisaremos a princípio, duas personagens muito

simbólicas da história: o catador de lixo, Angelino e o capitão médico, Ariovaldo.

Angelino é a representação de um Brasil em decadência. Um catador de lixo, colocado às margens da sociedade por não ser condizente com as “atrocidades” impostas pelo regime militar que opera no comando da nova ordem. Antes Angelino, era engenheiro, pai de família, homem de boas relações. Após a tomada dos militares, entrou em profunda decadência, perdeu tudo que tinha, inclusive seu filho que foi atropelado. Após a tragédia e já sem emprego, tornou-se catador de materiais recicláveis. Angelino passa então a sobreviver, largado à própria sorte e enfrenta momentos de grandes dificuldades.

Por conta do Édito 13/2019, os livros não aprovados pelo Departamento de Preservação dos Valores da Nova Ordem (DEPREVANO) deverão ser recolhidos e destruídos. Ao depositar os livros que recolhe nas caçambas de lixo, Angelino, de forma simbólica, suscita a imagem, marcante e dolorosa, de um país apagado, sem história, sem conhecimento e proibido de pensar. Diante desta situação, ele se sente descartável, ao ver tantos livros indo para o lixo.

Angelino, demonstra um afeto especial pelos livros, parece ter sede de saber, ora ou outra, separa alguns que lhe chamam a atenção para ler quando está sozinho, parece acreditar numa reviravolta frente a esse pesadelo: “Angelino enfia o santinho no bolso, retorna aos livros despejados e cata o da Utopia. [...] Hoje só vou tomar uma ou duas, decide. Preciso ler esse livro de cabeça fresca”. (KUCINSKI, 2019, p.14).

Ironicamente, já no final da trama, Angelino é a personagem escolhida pelo autor para protagonizar o desmoronamento da Nova Ordem. Após achar o revólver do ex-militar Messias, jogado no lixo, Angelino, transtornado pelo sumiço de muitos de seus colegas moradores de rua,

atira no general Lindoso Fagundes, responsável pelo desaparecimento dos seus companheiros, matando-o com dois tiros. A cena é uma metáfora, cuja simbologia nos remete ao poder do povo que mesmo fragilizado e em desvantagem, tem o poder de mudar os rumos do país.

Já Ariovaldo é um médico, contratado pela nova ordem, que durante toda a trama, é tomado pelo enigma de um pesadelo que ele tem em uma determinada noite e, a partir daí é impulsionado a criar um dispositivo capaz de captar os sonhos alheios e compreendê-lo, a fim de que isso traga alguma utilidade à Nova Ordem.

Devido a sua fidelidade e a sua dedicação, Ariovaldo é promovido, primeiramente, a major e, posteriormente, ao cargo de médico coronel. Durante seu período de êxito e por conta da sua influência com os poderosos da Nova Ordem, tornou-se presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise e Psiquiatria.

Ariovaldo é a mais fiel representação de usurpadores da sociedade, pois se beneficia das suas relações de poder para agir a favor dum regime político corrupto, violento e antidemocrático ao qual está vinculado. É um cientista sem escrúpulos que está sempre atuando contra a liberdade do povo, projetando invenções invasivas como, por exemplo, a criação de um capacete denominado toca neurosensorial, cuja intenção é combater a subversão utopística e roubar a subjetividade das pessoas, manipulando e intervindo nas suas decisões. Como proposta para obter respostas nos interrogatórios, Ariovaldo sugere algo semelhante a violência praticada contra pessoas que sofreram torturas no período da ditadura militar. Vejamos a explicação de Ariovaldo:

Se após a exposição dos horrores o preso não falar, iniciam-se as etapas propriamente. Na primeira, receberá uma injeção do soro da verdade. Se revelar tudo o que sabe será premiado com o fim das etapas, transferência para a cadeia e processo judicial. Se não falar, punição em vez de premiação, passagem para a

etapa seguinte: o choque nos genitais. Na etapa três, o estupro se for mulher, empalção se for homem. Na quarta, o suplício de familiares. A execução simulada se dará na quinta e última etapa. Frente a essa ameaça, mesmo os mais fanáticos sucumbem. Sobreviver é o desejo dominante de todo indivíduo, diz a cientologia. (KUCINSKI, 2019, p. 32)

O projeto master de Ariovaldo é a criação do chip processador, nomeado como customizador de humanos, que visa remover memórias específicas, suprimir valores e ordenar comportamentos de uma nova geração inteira de corpos dóceis e subservientes, tirando-lhes a capacidade de refletir e de se rebelar frente às adversidades. Essa ideia é análoga à alienação e à dominação da juventude em busca de uma hegemonia de poder.

Mas como “nem tudo que reluz é ouro”, tal feito produziu outro problema para a nova ordem: ter pessoas capazes de gerir e liderar o Estado, mantendo inabalável a estrutura política. Para tanto, Ariovaldo se viu obrigado a criar um novo chip de customização de humanos dirigentes para solucionar o problema, entretanto, o cientista foi arrebatado ao perceber que a supressão dos desejos e paixões suprimiram também os sonhos. Assim:

Passaram-se, porém, muitos meses até Ariovaldo conseguir modular canais neuronais, obstruindo alguns e amplificando outros. Consta que é impossível suprimir memórias sobrepondo uma nova narrativa sobre a já armazenada. Mas que é extremamente difícil, quase impossível, anular desejos e sentimentos, de modo a fixar ou suprimir estados emocionais. Consta que desejos vêm acompanhados de sentimentos, por exemplo, o desejo de vingança com o sentimento de ódio, o desejo sexual com o sentimento de amor. Pode-se suprimir o desejo de vingança sem que se anule, ao contrário, até se exacerba o sentimento de ódio. (KUCINSKI, 2019, p. 146)

A figura de Ariovaldo nos remete a comportamentos irresponsáveis e amadores daqueles que compõem a cúpula do poder e que em nome dele são capazes de cometer absurdos que exterminam de vez com a ética e com a moralidade. E que por serem irresponsáveis acabam sendo vítimas das suas próprias atrocidades.

Analisemos, agora, a personagem Marilda, esposa de Ariovaldo. Uma mulher solitária, sem filhos, e que há muito tempo perdera o contato com alguns de seus familiares. Através do irmão frade Antônio, Marilda soube notícias da irmã que mal chegou a conhecer: a madre Maria Aparecida. A madre era gestora de um orfanato e teve um fim trágico por confrontar-se com os ideais e valores do regime militar, sendo torturada, estuprada e morta pela Nova Ordem. Marilda era também irmã de Angelino, que havia visto quando ainda era muito pequeno e cujo paradeiro era desconhecido. Na visão de Ariovaldo, Angelino era a vergonha da família.

A representação da mulher na trama de Kucinski (2019), se forma por via irônica empregando um pensamento patriarcal. A mulher é vislumbrada como incapaz e por este motivo são isentas do PANO (Programa Nacional de Psicanálise Aplicada à Nova Ordem), por serem consideradas intelectualmente incapazes.

O general Lindoso Fagundes, líder do novo regime na trama, é esposo de Germana e amante de Marilda. Um personagem atravessado por muitas contradições e que tem um relacionamento conturbado com o filho, que saiu de casa devido à intolerância do pai em relação a sua orientação sexual. Tinha como uma de suas propostas, encaminhar todos os moradores de rua para um campo de reeducação que, na verdade, era um campo de extermínio. Gradualmente, a trama vai nos apresentando a estruturação de uma ordem fascista, que define quem tem o direito à vida. Veja o excerto do diálogo entre o Ariovaldo e o Fagundes:

Porque ao se ver livre dos moradores de rua, a população aceitará depois a remoção de outras categorias de indesejáveis. — Então, os moradores de rua são apenas o começo? — O começo não, porque já fizemos isso com os homos e com os trans; só que fizemos às escondidas e agora é às claras; depois dos moradores de rua serão as prostitutas, os gradados, os aleijados, os cegos, os doentes

mentais, os portadores de síndrome de Down, esses inúteis todos, um grupo de cada vez. (KUCINSKI, 2019, p. 52)

Na perspectiva da nova ordem, delinea-se uma estrutura social sem espaço para a diversidade humana, com intenso preconceito racial. O segredo revelado a Ariovaldo por Fagundes é a eliminação de todos os indesejados. Nas palavras de Fagundes o ‘Brasil tem povo demais’, a política implementada é o extermínio da população marginalizada para “adequar” a força de trabalho à nova forma de produção agroindústria. Por este comportamento genocida, a vida de Fagundes no enredo será acometida por uma reviravolta no final da trama.

Outro personagem de bastante relevância é Zacarias, dono de um depósito para onde Angelino leva os livros e que configura um informante do governo pois, tudo o que chega ao depósito era de imediato comunicado ao ANVISO. De acordo com o édito 4/2019 determina que zeladores, porteiros, vigilantes de quarteirão, capatazes e chefes de turno devem reportar atitudes suspeitas e situações atípicas à Agência Nacional de Vigilância Social (ANVISO). Angelino melindra-se em relação às atitudes de Zacarias a ponto de não revelar um santinho que encontrou da Utopia (grupo que resiste às imposições da nova ordem, que renega à violência, luta contra a ideia de extinção dos bancos que de acordo com o édito 3/2019, obriga as pessoas a endividar-se). Em letras miúdas está a seguinte exortação:

O reino da Igualdade está chegando. A nova ordem tem seus dias contados Deus não criou a Terra para alguns Deus criou a Terra para todos Os bancos têm parte com o maligno Afasta-te dos bancos Afasta-te da nova ordem Fecha tua conta bancária Liberta-te da dívida Livra-te dos teus cartões de banco Nenhum homem pode ser escravo de outro homem. (KUCINSKI, 2019, p. 14)

Nessa nova ordem, os indivíduos já não sonhavam com a justiça social que possibilitaria a igualdade entre os povos, pois já não era possível

dialogar com o Estado e o silenciamento das massas criava um cenário de medo e conformismo, concedendo assim, lugar à alienação.

1.3 - A Narrativa Em Dois Planos

A Nova Ordem, é considerada uma ficção distópica por apresentar características próprias do gênero, como por exemplo: o totalitarismo do Estado, a alienação da sociedade civil, o extermínio das instituições que cuidam da educação, da saúde, da cultura e do meio ambiente, a utilização da tecnologia em prol da manipulação da massa, a perseguição dos que são contrários às ideologias daqueles que estão no poder, o descaso do Estado para com o povo, entre outros. De acordo com Kopp (2011):

[a] ficção distópica é, em síntese, o resultado de ansiedades e medos que se identificam, nas primeiras décadas do século 20, com as utopias que deixam de ser apenas projetos e se encaminham como formas, de fato, de organização da sociedade; e com a tecnologia que marca, cada vez mais, a sociedade como um modo de vida, de produção e de dominação. (p.52)

Desta forma, a obra apresenta uma temporalidade indefinida por não ser possível determinar quando ocorrem os fatos, pois, ora remetem memórias de um Brasil do passado, ora transitam pelo presente, ora sugerem projeções do futuro. Essa atemporalidade é também típica das ficções distópicas que transitam entre o real e o imaginário, causando uma espécie de embaralhamento na mente do leitor. Sobre o assunto, Moisés (2016, p. 149-150) esclarece que *A literatura contemporânea, o tempo aparece menos sob forma de história linear e progressiva do que sob a forma de memória estilizada e desordenada.*

Essa memória estilizada aparece logo no início do primeiro capítulo, num diálogo entre os catedráticos em que o narrador conduz os leitores a reviverem um passado assombroso, desumano

e ditatorial, e que a cada dia que passa tem se vigorado mais em nosso contexto atual. Embora a história seja narrada utilizando-se verbos no tempo presente, ela transita a todo momento, entre o passado e o futuro. Vejamos:

— Ainda bem que aqui não tem nenhum psicopata como o Stalin, diz um deles – Com Stalin ou sem Stalin eles podem fazer o que bem entenderem [...]. Podem até nos fuzilar. – Impossível! Protesta outro jurista, presidente da OAB. – Na Nova Ordem tudo é possível, retruca o catedrático. – Mas isso é fascismo! – Chame como quiser, eu digo que vivemos um estado excitado do capitalismo que se manifesta sempre que é preciso refrear os avanços do povo. (KUCINSKI, 2019, p. 15)

De acordo com NUNES (1995, p. 21) essa consciência histórica de reacender numa sociedade os momentos passados vêm em forma de herança acumulada e que as direções desse tempo, continuam agindo sobre o presente.

Sendo assim, a narrativa de *A Nova Ordem* é, então, configurada por elementos de tempos históricos distintos que a todo momento parecem se amalgamarem: o período da Ditadura Militar no Brasil, o atual contexto social vivenciado no Brasil e a projeção de um futuro assombroso para o país.

Quanto ao espaço, é possível determinar através de marcas deixadas pelo narrador, que a trama desenvolve-se no Brasil. Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Brasília são citadas no texto e compõem o cenário do romance.

A literatura, em suas mutações, perpassa por caminhos que ora apresentam-se antagônicos e ora parecem complementares. Desta forma, a intenção de retratar a realidade que tanto assolou a arte literária no século XIX, se transmuta no século XX, cuja preocupação maior era a estética do texto, chegando à contemporaneidade com a necessidade de retratar temas abrangentes da sociedade correlacionados ao pensamento crítico, de forma a inquietar o leitor, inter cruzando ficção e realidade. Sobre o assunto Cândido concorda que:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra. em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14).

Neste sentido, Bernardo Kucinski surge referindo-se em seu romance *A nova ordem*, à insanidade e à desumanização daqueles que comandam uma nação, rememorando o período repressor da ditadura militar e que, de certa forma, permanece atual, sob uma proposta de ordenamento por parte do Estado que visa tirar a sua responsabilidade sobre a vida dos cidadãos, entregando-os à própria sorte em nome do capital.

Para isso, o autor compõe uma narrativa em dois planos, sendo que o primeiro reflete a voz do narrador que descreve em seu enredo a situação caótica de um Brasil derrocado por imposições absurdas e o segundo é a narração de uma espécie de lei, formada pelos éditos da Nova Ordem para reger a ordem do país.

Apoiando-nos na historicidade, relembremos que a Constituição Federal de 1946 foi rasgada após o golpe militar de 1964 “instaurando um regime de exceção, em que as liberdades democráticas eram tolhidas por um regime repressor”. (FIGUEIREDO, 2017, p. 14). Deste modo, o país passou a ser gerido pelos Atos Constitucionais, mesmo após a Constituição Federal de 1967 no governo de Costa e Silva e foi este aparato jurídico dos decretos que legalizou a violência de Estado.

No entanto, os Atos Constitucionais são representados pelos éditos de Kucinski que aparecerão na narrativa, estrategicamente, como notas de rodapé. Eles representam uma forma de controle da massa e visam garantir o ordenamento do país com um tom violento e autoritário. Vejamos

o édito nº 14/2019 que abrange o segmento de educação:

O Édito 14/2019 da Nova Ordem do Ensino Superior fundiu os Ministério da Educação da Cultura e do Esporte num só da Formação Moral e Cívica e fechou as universidades federais, ressaltando cursos de economia agrícola e veterinária; o artigo 3 extingue as disciplinas de sociologia e política, psicologia, literatura, história e geografia, antropologia e línguas estrangeiras, exceto o hebraico, e as substituiu pelas de Educação Moral e Cívica, Criacionismo e Estudos Bíblicos; o artigo 4 institui o ensino à distância; o artigo 5 restringe a instituições militares cursos de direito, engenharia, física, química, matemática, biologia, medicina e psiquiatria; o artigo 6 institui as disciplinas obrigatórias Gestão Patriótica e Guerra Psicológica Adversa em cursos para quadros dirigentes: finalmente, o artigo 7 extingue as cotas raciais, os quatro programas de financiamento estudantil do ensino superior (Prouni, Pronatec, Fies e Sisu) e o programa Ciência sem Fronteiras. (KUCINSKI, 2019, p. 10)

Esse édito nº 14/2019 dialoga com os crescentes desmontes na educação, com a redução de investimentos no setor. Impactando a vida e a capacidade dos brasileiros(as) sonharem e projetarem um amanhã com mais qualidade de vida e bem estar social.

No édito nº 16/2019 foram extintos o CNPq, a CAPES e o Ministério da Ciência e Tecnologia. Sob o olhar do novo regime totalitário a pesquisa e a reflexão instrumentos indispensáveis para o desenvolvimento humano e social do país eram desnecessárias. Até a LDB é substituída pelas Diretrizes da Escola sem Partido vinculado ao Ministério da Família.

Com o édito 13/2019 institui-se o Departamento de Preservação dos Valores da Nova Ordem - (DEPREVANO) órgão de censura. A nova Ordem busca eliminar a leitura da vida dos cidadãos, pois sabe do seu poder transformador, porém, a possibilidade de jovens e adultos terem a oportunidade de aprender a ler e escrever torna-se limitado, pois o édito 06/2019 torna subversivo

ministrar cursos de alfabetização. Enquadrando as instituições e profissionais na lei antiterrorismo.

O regime impôs a construção de uma sociedade alienada, determinada e sem perspectiva de futuro. Para o regime mais subversivo se tornam aqueles que adotam o método freiriano. Tendo em vista, que Freire contestava a partir de suas práticas a ideologia do modelo econômico neoliberal. Estes fatores simbolizam a morte do pensamento crítico concretizada na obra com o assassinato dos intelectuais e o descarte dos livros, sendo, Angelino o único leitor da obra.

A sociedade permanece enclausurada e vigiada por via do édito 4/2019 da Nova Ordem Social, que cria a Agência Nacional de Vigilância Social (ANVISO), no “o artigo 7 cria o princípio da Exclusão de Ilicitude, popularizada como licença para matar, que impede o indiciamento de Policiais Militares por infrações no exercício de suas funções, mesmo em confrontos com morte;”(KUCINSKI, 2019, p. 10). Em setembro de 2019 data posterior a publicação da obra de Kucinski o excludente de ilicitude, proposta de campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi matéria do G1⁴. O excludente de ilicitude foi retirado do texto final do projeto de lei (PL) 6.341/2019 conforme a Agência Senado.

Nota-se o hibridismo entre ficção e realidade durante todo o romance, pois o autor insere na sua obra elementos políticos e sociais que estão muito presentes no cenário atual brasileiro, como por exemplo, as reformas das leis trabalhistas vigentes no país. A narrativa literária traz de modo expandido a opressão social:

As cooperativas foram fechadas pelo primeiro ato jurídico da Nova Ordem, o Édito 01/2019, de enorme abrangência, que dispõe sobre a Produtividade do Trabalho. Seu artigo

4 Salomão, Lucas. “Excludente de ilicitude. Veja o que prevê a proposta anticrime de Sérgio Moro”. G1, 23 de setembro de 2019. Disponível em : <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/23/excludente-de-ilicitude-veja-o-que-preve-o-pacote-anticrime-de-sergio-moro.ghtml> ; <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/11/senado-aprova-pacote-anticrime-que-vai-para-sancao-presidencial> Acessado em: 15/08/2021

primeiro extingue o Ministério do Trabalho e Emprego, a Secretaria de Inspeção do Trabalho, a Secretaria Nacional de Economia Solidária, o Programa Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo (PETE), o Programa Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) o DIEESE e o DIESAT e o Fundo de Amparo ao Trabalhador; o artigo 2 extingue a Justiça do Trabalho e determina o arquivamento dos processos em curso; o artigo 3 declara a caducidade das Leis Trabalhistas, do Estatuto da Empregada Doméstica, do Estatuto do Trabalhador Rural e da Lei do Salário Mínimo; o artigo 4 revoga a estabilidade no emprego do funcionário público; o artigo 5 revoga o capítulo 149 do código penal que punia o trabalho escravo; o artigo 6 abole as associações de servidores públicos, os sindicatos operários e rurais, as cooperativas habitacionais, de crédito e de trabalho, as associações de pescadores e de artesãos, as comissões de fábrica, os clubes de cabos, sargentos e marinheiros, assim como qualquer forma de associação de trabalhadores, artesãos ou militares subalternos; o artigo 7 revoga a Lei 8213/91 que obrigava empresas com 100 ou mais funcionários a preencher de dois a cinco por cento dos seus cargos com pessoas portadoras de deficiência; o artigo 8 cria na Polícia Federal a Delegacia Especializada de Fiscalização da Produtividade do Trabalho; o artigo 9 enquadra infratores na Lei Antiterrorismo (Lei 13.260/2016). (KUCINSKI, 2019, p. 15)

Sob a égide da nova ordem, houve a extinção das leis do trabalho e do direito do cidadão de recorrer à justiça do trabalho, o que tornou as jornadas análogas às do trabalho escravo. Os éditos legalizaram a aposentadoria a partir dos 80 anos de idade. Do mesmo modo que o trabalhador é aviltado com a perda dos direitos sociais com aprovação da nova previdência social tendo que trabalhar por um tempo maior com a perspectiva de receber uma aposentadoria menor.

Essa é uma característica da gestão atual em que as Propostas de Emendas Constitucionais (PEC) estão alinhadas à perda dos direitos sociais garantidos na Constituição de 1988. De acordo com Ginzburg (2020, p. 87), o conjunto dos éditos retomam o AI -5.

O Ato Institucional nº 5 (AI - 5) outorgou em 1968 amplos poderes ao presidente da República coagiu a vida política pública, assim, perseguiu toda resistência e oposição ao regime. Com medidas

desde o fechamento do congresso até o cerceando do direito de defesa com a suspensão do habeas corpus.⁵

Os éditos findam a esperança ao revogar inúmeras leis que contemplam a diversidade humana e suas pautas sociais. É uma intensa provocação ao leitor brasileiro contemporâneo. Posto que todas as instâncias e instituições de poder em defesa do direito à vida foram esfaceladas em *A Nova Ordem*.

Considerações Finais

O romance *A Nova Ordem* é uma narrativa ficcional que tece um enredo capaz de extravasar com o mundo real sem se desvincular dele, conduzida por um narrador que atravessa os seus leitores, fazendo-os refletir de forma crítica e questionadora sobre os rumos que as sociedades têm tomado, a fim de alertá-las sobre os perigos causados, principalmente, pelos grandes avanços tecnológicos e pelas relações de poder que assolam a humanidade.

Desta forma, por ser atemporal, mescla passado, presente e futuro gerando uma espécie de assombro diante dos éditos elaborados por representantes do Estado que, ao invés de pensar no bem comum do país, querem extinguir as suas minorias, se isentando da responsabilidade que lhe é atribuída.

Diante deste contexto, que inibe qualquer forma de exposição de ideias e que foge de encontro com a nova ordem, Kucinski dá voz às personagens que representam um país acrílico, que insiste em permanecer preso a um passado sangrento e opressor. As personagens são a caricatura de um povo fragilizado e oprimido, refém das práticas de abusos e violências, cuja desesperança afasta-os do tão sonhado fim.

5 Para uma leitura integral veja- Presidência da República. "Ato Institucional n.5, de 13 de dezembro de 1968". Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acessado em: 14/08/2021

No romance, todas as ações descritas e vivenciadas pelas personagens parecem ecoar como um grito de alerta que busca atravessar o leitor chamando a atenção para o futuro do país. Eis aí a genialidade do narrador que através da ficção distópica, tece o seu enredo de forma metafórica deixando a sua contribuição, tanto para a arte literária como para a sociedade.

Assim, *A Nova Ordem* é uma distopia política que desdobra-se do processo criativo do autor coadunando uma visão autoritária que embaralha os tempos narrativos, fazendo uma analogia entre o Brasil do passado e o atual cenário político brasileiro, tecendo, dessa forma, um expressão metafórica do país.

Referências bibliográficas:

CÂNDIDO, Antônio et al. A personagem de ficção. 5.ed. São Paulo: Perspectiva,1976.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9ª ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.

FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GENETTE, Gérard. O discurso da narrativa. Tradução: Fernando Cabral Martins. 3ª edição. Lisboa: Veja, 1995.

GINZBURG, Jaime. Literatura y política en Bernardo Kucinski. Pleyáde Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, v. 24, p. 83-95, 2020. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/pleyade/n24/0719-3696-Pleyade-24-83.pdf>. Acessado em: 13/082021

KUCINSKI, Bernardo. A nova ordem. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019.

NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. 2ª edição. Série Fundamentos. Editora Ática: São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, André de. Bernardo Kucinski: “No Brasil, trata-se a dependência química como um desvio moral”. In: El País, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/08/cultura/1512760155_061847.html. Acessado em: 21/08/2021

FRANCO, Renato. Itinerário político do romance pós-64: a festa. São Paulo, Editora da UNESP, 1998.

Submissão: setembro de 2021.

Aceite: novembro de 2021.